



Quão verde é o bastante?

Os esforços individuais das companhias já não bastam para enfrentar a escalada dos efeitos das mudanças climáticas

Nos últimos meses, o Reino Unido assistiu ao surgimento de diversas iniciativas inovadoras em grandes empresas, para enfrentar desafios ambientais. A rede de varejo Marks & Spencer adotará um "ecoprojeto" composto de 100 itens. A empresa se compromete, entre outras coisas, a tornar-se neutra em carbono e a zerar suas remessas de lixo para aterros sanitários até 2012. Enquanto isso, nos Estados Unidos, a TXU, a maior fornecedora de energia do estado do Texas, acaba de ser comprada por empresas de private equity. Impressiona que as empresas compradoras tenham condicionado a adoção de acordos ambientais à aquisição – o que resultou no cancelamento da construção de oito de 11 polêmicas usinas a carvão que a TXU havia prometido inaugurar.

Tudo isso seria impensável há alguns anos. Ainda assim, diante da escala monstruosa de conseqüências econômicas e ambientais que podem ser causadas pelas mudanças climáticas, progressos como esse bastam? Quão verde é preciso ser para ser verde o suficiente? E, nessa equação, onde entram desafios sociais mais abrangentes, como desigualdade, corrupção ou Aids? Algumas empresas, principalmente nos países ricos, ain-



O poder público falha ao criar boas condições para que esforços privados sejam bem-sucedidos

da entendem o termo sustentabilidade como a necessidade de equilibrar desempenho ambiental e financeiro, enquanto questões sociais são resolvidas com doações e caridade. Mas esse pode ser um método arriscado, como já perceberam companhias do porte da Shell, da Monsanto ou da Nike. A credibilidade das iniciativas ambientais do Wal-Mart pode sair prejudicada, caso a companhia não resolva problemas trabalhistas e sociais. Sucede que mesmo que empresas como o Wal-Mart comecem a enfrentar grandes desafios ambientais e sociais, isso provavelmente não será suficiente para atingir o nível de mudanças necessário. A americana

DuPont, por exemplo, foi uma das primeiras a se mexer diante das mudanças climáticas: já reduziu suas emissões de CO₂ em 65%, com relação aos níveis registrados em 1990. Nesse mesmo intervalo de tempo, porém, as emissões mundiais de CO₂ aumentaram 26% – em comparação à redução de 60% que seria necessária até meados deste século. Nesses casos, a história é a mesma: progressos concretos são possíveis. Mas, somadas, as realizações individuais de cada companhia são insuficientes.

Para piorar, o poder público deixa a desejar na hora de criar boas condições para que os esforços privados sejam bem-sucedidos. A falta de legislação, e as falhas na hora de implementá-la e fiscalizá-la, também prejudica as políticas ambientais adotadas pelo mundo privado. Progressos reais pedem uma postura diferente. O poder público precisa ter participação mais ativa. As empresas precisam abandonar projetos isolados e partir para estratégias mais coerentes, conectadas com as atividades centrais de cada negócio e com políticas mais abrangentes de ação. Grandes desafios globais não podem ser resolvidos por jogadores individuais, por mais bem-intencionados que sejam. **EN**

* JOHN ELKINGTON É FUNDADOR E EMPREENDEDOR-CHEFE DA SUSTAINABILITY (COM JODIE THORPE, GERENTE DO PROGRAMA SUSTAINABILITY'S PARA ECONOMIAS EMERGENTES)